

Oposição vê acordo com Planalto

BRASÍLIA — O discurso de Antonio Carlos Magalhães foi recebido com estranheza pelos senadores. Os parlamentares acharam que Antonio Carlos foi leve quando tinha de ser duro, e duro quando tinha de ser leve. A sensação é a de que ACM adotou um tom bastante ameno em relação ao governo e foi extremamente virulento contra os integrantes do Conselho de Ética, especialmente Saturnino Braga (PSB-RJ) e Ramez Tebet (PMDB-MS).

Os senadores acreditam que a atitude de ACM tenha sido fruto de um intenso trabalho do PFL, que te-

ria articulado um acordo com o Planalto para poupar o governo e o presidente Fernando Henrique. A moeda de troca seria o apoio do partido para que ACM se eleja no ano que vem. Resta saber se o apoio valeria caso Antonio Carlos decidisse concorrer à sucessão.

A sensação geral era a de que ACM não trouxe à tona novas denúncias que pudessem comprometer o governo ou mesmo seu desafeto Jader Barbalho, poupado no discurso. O líder do governo no Senado, Arthur Virgílio (PSDB-AM), por exemplo, não se abalou com o dis-

curso e ainda conta com o pefelista e seu suplente na base de apoio do governo. "Se fosse uma luta de boxe, o governo não levou nenhum soco", comparou Virgílio.

Cargos intactos — Para a maioria dos senadores, ACM foi mais ACM do que nunca ontem ao discursar no plenário. Fingiu força ao criticar o governo com números sobre a crise energética, sobre o aumento da dívida pública e comprometimento do PIB. Mas não falou sobre o caso Marka, tampouco se estendeu sobre escândalos nas privatizações. Com o tom do discurso,

os senadores diziam que ACM vai conseguir o que mais queria: manter intactos os cargos nos vários escalões do governo federal. "Foi uma violência clássica dele, mas o governo não foi atingido, tem muita gente na Bahia que tem cargos e não foi demitida", expressou Pedro Simon (PMDB-RS).

Para os senadores, ficou claramente expresso que ACM pretende se candidatar ao Senado. "Ele sabe que é mais fácil ganhar no Senado do que para governador", interpretou o líder do PT no Senado, José Eduardo Dutra (SE).